

10-06-2021

O MAPA RABISCADO

Rodrigo Emídio Silva

[Geógrafo. Professor na rede estadual e municipal Goiânia/GO.
Membro do Grupo de Estudos Dona Alzira/GO]

Voltei à minha cidade. A pequena Itaguaru que duplica nas construções a anatomia dos seus velhos moradores.

Ela é uma dessas cidades perdidas nos sertões e nos quintais sombreados por mangueiras. O tempo ventado arredonda as esquinas. Cidades de tão velhas, que esqueceram suas próprias idades. O tempo é escorrido na grande avenida – o rio.

Meninas pegam suas cidades e colocam na capanga, meninos desdobram-nas para cavalgar com suas bicicletas.

Eu gosto das cidades que não estão nos mapas. Elas possuem íntimos mistérios públicos, que ainda não foram cartografados. Existe um dizer silencioso que está nos relevos das palavras dos habitantes e inaudíveis aos ouvidos do estrangeiro chegante. Conte histórias para alunos da minha antiga escola. Pediram para eu narrar minhas cartografias. Selecionei uns retalhos das viagens. As linhas humanas não são paralelos e meridianos retilíneos. Essas linhas (in)visíveis dizem pouco dos moradores da casa-terra.

Gente carrega as linhas da vida nas suas cicatrizes e as nossas águas salgadas nascem de fonte rasa e escorrem por maçãs.

As linhas vincam a pele, o curso da vida é visto na hidrografia das mãos, marcas bibliográficas que constituem o texto-sujeito. Uma menina, munida de palavra-sonho, me perguntou: Por que você escolheu ser professor de Geografia? Não soube responder, meti uma resposta genérica: foi a geografia que me escolheu. Bobagem. A minha paixão pela geografia carrega traquejo de infância. Quando estava na 5ª série, a professora Carmosina levou uns cadernos de desenho e folhas de seda; fariamos o mapa do mundo. Tirar um negativo do livro do Melhem Adas e passar para o caderno.

O traço da mão forte que afunda o relevo da folha e depois o contorno suave sobre as erosões exógenas fizeram meus olhos botões do mundo. Pinte o mundo. Enchi os oceanos de azul, havia sido alertado que o azul é água nos mapas, água comportada nas margens dos desenhos. Distraído no deleite de Deus, enchi de azul a Grécia; erro ou poder? Já havia decidido, eu construiria mundos-mapas. Aos 10 anos, o desejo toma a palavra e abraça o mundo: eu quero ser geógrafo.

Mas talvez essa vontade havia sido gestada bem antes.

Meu pai me disse que o Japão ficava no outro lado do mundo e se eu cavasse um buraco, chegaria lá. Não deu outra, peguei o enxadão e fui viajar. O sonho é carboidrato da vontade, bati o enxadão o dia todo na terra. Passei o dia entretido no fundo do quintal, estava localizado no centro de mim e no eixo da minha vontade, que era o Japão. Fiquei sabendo que lá tinha vulcão e o sol era oriente. Meu avô havia me dado um relógio do Japão, um relógio Orient. Foi o dia todo de labuta, afundei pouco mais que os joelhos na terra. Voltei para casa e jantei, e, exausto, fui ao Japão. Uma vez perambulando por uma tapera torta, abri a cristaleira e vi um pequeno globo.

Um mundo que cabia nas mãos e que girava na vontade dos meus dedos. A imaginação fez rebu, de estalo, procurei o Japão. Fui pego de surpresa: “que país pequenino”.

Comecei a contar: uma ilha, duas, três ilhas, quatro.... Muitas ilhas juntinhas numa palavra são arquipélagos. Às vezes, nos mapas e globos, os nomes são maiores que os países.

Luxemburgo invade a Bélgica, que, por sinal, mergulha no Mar do Norte. Do outro lado, existem a Rússia e China, cujos nomes são pequenos para tantos territórios, palavras perdidas em desertos. As crianças são contra os latifúndios semânticos, elas indignam-se “é muito país para pouco nome”.

Os mapas avisam as crianças que a palavra engole mundo e que as viagens só fazem sentido na capanga de histórias.

A Terra é uma amálgama de gente e mundo.

Continentes possuem pênis femininos: as penínsulas. Crianças adoram cutucar o fiofó do mundo: o apertadinho Butão.

Os mapas-crianças sorriem quando descobrem que a Itália é uma bota. Os mapas adultos são chatos e achatados.

Tudo está em ordem e dito em legenda, sem perguntas e cheios de si. Amava-os quando criança, odiei-os na universidade.

Eu queria imaginá-los com os retalhos do mundo, mas detestava a certeza convencida dos números e graus.

A linha do Equador, para mim, nunca será uma linha invisível que se vê, que despautério do absurdo. Não! O Equador é um cachorrinho que latiu ao Sul e ao Norte, de tanto latir nasceram as latitudes. Todas as minhas aulas têm mapas, que me ajudam a imaginar histórias. Desdobre-os com força, quero agitar a imaginação da molecada. Pego os pincéis e rabisco-os, profano-os com alma de criança. Riscos e rabiscos, pinto o sete na roupa do mundo. Faço setas, rachaduras de placas tectônicas e linhas tortas sobrepõem os paralelos. Foi com um mapa que mostrei a Polônia tomada por Nazistas, e as tentativas geopolíticas de Napoleão na Rússia. O Brasil tem um boca aberta e até parece um bezerrinho, um gado-país.

Risquei com tinta vermelha-sangue os caminhos marítimos do tráfico negreiro. Foi uma conferência de homens-mapas que cortou a África, as cicatrizes dos açóites coloniais tornaram-se fronteiras naquele continente.

Eu dividi a Alemanha e depois passei a mão e tudo ficou limpo. Algumas bibliotecárias, gerais dos livros, ficam enlouquecidas com os mapas pintados de histórias. Elas são defensoras dos mapas virgens, gostam de vê-los como entidades sagradas, enrolados em si e nunca abertos ao mundo. São essas pessoas que acreditam que os impérios são eternos e que a história dos lugares não tem marcas de insurreição. Crianças fazem mapas quando rabiscam suas paredes brancas com linhas sem razão.

A arte não tem propósito. As mãos criativas são interrompidas pelo harmônico do branco. Pais gostam de tudo nos lugares, crescidos de mundo, acham que as permanências são os caminhos cartográficos. Os mapas são matéria-prima dos sonhos e não das convenções engravatadas.

A vida dos povos e territórios assim poderia ser.

Imaginem se as crianças limpassem as fronteiras e os muros desse mundo como se apagassem os rabiscos no mapa?

A cartografia daria aos ventos falantes e não aos Km².

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.